

O ENSINO DE HISTÓRIA E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: UMA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Fernanda Carla Almeida Silva
UFCG/CFP
nandinhacarla1802@gmail.com

Orientador: Dr. Israel Soares de Sousa
UFCG/CFP
israelhistoria@gmail.com

RESUMO

As religiões de matrizes africanas são alvos constantes de vários tipos de desrespeito, intolerância e estereótipos. Isto ocorre muitas vezes devido a forma inadequada que os conteúdos referentes à sua história e crença são expostos e aprendidos ao longo dos anos. Por isto, este artigo se propõe a analisar o ensino de história e um currículo voltado para a diversidade de conteúdos, pois eles exercem um papel relevante na desconstrução de visões equivocadas a respeito das crenças de origem africana, uma vez que esta disciplina auxilia na construção identitária e formação do pensamento crítico.

Palavras-chave: Religiões Afro-brasileiras; Intolerância; Ensino de História.

INTRODUÇÃO

Os povos de origem africana são ricos em história cultura e tradição. Por isso, ao chegarem às terras brasileiras, influenciaram significativamente em vários aspectos da sociedade como música, onde foi possível a existência do samba, Maracatu, Congada, na culinária pratos típicos como a Feijoada, Acarajé, e no âmbito religioso permitiu a existência das religiões afro-brasileiras como Candomblé, Umbanda e tantas outras. No entanto, apesar de toda essa influência, na maioria das vezes os conteúdos relacionados à África são vistos de forma submissa e estereotipada, a exemplo disso são as próprias religiões de matriz africana, que são um dos principais alvos de intolerância religiosa no Brasil. Tais fatos ocorrem devido à incompreensão de sua história e crença, pois ao se falar na fé dessas pessoas logo ocorre associação à macumba, feitiçaria e diabo, quando na verdade assim como as demais religiões ela prega amor, tolerância, igualdade e respeito.

Um elemento que contribui para a difusão dessas ideias é a própria história contada e aprendida ao longo dos anos, já que é marcada pela presença de discursos que foram legitimados e construídos onde negro, escravidão, e tudo que o envolve é designado como algo ruim. Carlos Moore (2010) explica que a África começa a incomodar a partir do momento em que seus povos tentam sair desse espaço de inferioridade, submissão na qual foram destinados durante vários anos, quando na verdade eles almejavam recuperar e construir sua cultura, costumes e tradições que foram negados.

Então é visível que de fato “incomoda” ser adepto das religiões de matriz africana, assim como entender mais sua história e o motivo de suas crenças serem alvos de intolerância, em razão de romper com a ideia dominante construída. Marc Bloch (2001) vem nos afirmar que a “história é a ciência dos homens no tempo”, ou seja, ela não estuda apenas um passado sem alterações, imutável, pelo contrário, ela se volta sobretudo para as transformações dos homens que ocorreram ao longo dos anos. Dessa forma, essa disciplina é de fundamental importância na compreensão dos fatos, pois a mesma colabora no que se refere à formação do senso crítico.

A história é uma disciplina na qual proporciona o conhecimento da própria identidade e envolve uma gama de outros fatores que a interligam, como por exemplo, o multiculturalismo na qual também estão relacionados de poder. Sendo assim, compreender esses conceitos também contribui no que se refere a um ensino adequado da história e cultura africana.

Neste aspecto, este artigo analisará a intolerância religiosa sofrida pelos que praticam as religiões afro-brasileiras (principalmente as religiões do Candomblé e Umbanda que são os principais alvos) assim como um ensino de história voltado, sobretudo para o estudo da África que desconstrua estereótipos, já que esta disciplina permite conhecer melhor a história dos que sempre foram subjugados.

AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A religiosidade é de grande relevância para aqueles que acreditam, uma vez que é responsável por oferecer sentido, guiar a vida das pessoas e promover respostas a questões conflitantes que permeiam na humanidade. A religião sempre esteve presente nas sociedades, inclusive na brasileira, como é possível constatar no período colonial, onde havia as crenças indígenas e quando os portugueses chegaram as terras brasileiras

a introdução da fé católica e com a presença dos judeus o judaísmo. Mas ao mesmo tempo da existência dessas crenças, uma característica marcante do Brasil se trata da intolerância religiosa, pois nessa época os europeus impuseram suas concepções religiosas e condenavam as crenças indígenas e logo depois o judaísmo. De modo semelhante ocorreu quando os africanos chegaram ao Brasil no período da escravidão, haja vista que também houve um repúdio a fé e costumes dos negros, pois eles eram considerados como inferiores.

A princípio os africanos em seus respectivos países antes da vinda ao Brasil possuíam suas religiões, costumes e tradições. Para eles a fé era de grande importância e tinha muita influência na vida das pessoas. Eles acreditavam na existência de um Deus criador de todas as coisas, mas que não governava sozinho, pelo contrário, havia um conjunto de outras divindades (Orixás) que foram criadas por esse Deus e que possuíam poderes específicos para ajudar na vida da humanidade. Cada um desses deuses africanos tinham seus próprios rituais, oferendas que eram feitos de maneiras diferentes.

Também é importante salientar que eles eram politeístas, prezavam, sobretudo pelo coletivo, uma vez que de acordo com suas crenças a atitude errada de um indivíduo afeta toda uma comunidade, causando assim a fúria de um Deus, por isso a necessidade constante das oferendas e ritos como forma de agradar, pedir intercessão aos deuses para ajudar na vida da humanidade. Outro aspecto bastante marcante na crença africana na qual é explicada por Cardoso (2015) eles acreditam que as pessoas quando morrem vão para os mesmos lugares.

“Não existe um mundo laico, de carne e outro espiritual, divino, como normalmente estamos acostumados a conceber na medida em que somos frutos dessa oposição entre o bem e o mal que fundamenta as raízes do cristianismo e outras religiões baseadas na constituição do sagrado e do profano. Em terras africanas não existe a noção de purgatório como fase intermediária para a salvação, ou de inferno, lugar para onde são encaminhados todos aqueles que não seguiram de maneira correta os ensinamentos religiosos e seus mandamentos.” (CAPELLI, 2010, p.328 apud CARDOSO, 2015)

Devido ao contexto histórico da escravidão e a vinda de povos provenientes de locais diferentes da África que não compartilhavam a mesma língua, religião e a repressão por parte dos europeus na qual negava de toda forma as crenças e culturas africanas, fez com que surgisse o sincretismo religioso. Na verdade, os europeus, obrigavam os africanos a se converterem ao catolicismo, não se tratava de uma escolha, era necessário ser católico e batizado, quem não fosse adepto a isso era duramente

castigado. O sincretismo nasceu da opressão sofrida pelos negros, mas também pode se dizer que eles dependeram disso como forma de sobrevivência. Renata Felinto (2013) explica como se deu a chegada desses povos no Brasil e a maneira que ocorreu esse sincretismo:

“ Mesmo sendo considerado como um dos mecanismos de dizimação cultural, o navio negreiro proporcionou, de certa maneira o encontro de diversos povos e o início de uma troca de conhecimentos e práticas culturais, geradas, provavelmente, pelas condições do tráfico e pela necessidade de compreensão a cerca de qual seria o seu destino. Neste sentido as relações intraculturais foram de extrema importância para garantir a sobrevivência dos diversos grupos de africanos chegados ao Brasil. Este contato ou combinação não deve ser interpretado como uma perda de pureza, e sim e como práticas sociais no *novo mundo*. O estabelecimento dessas relações possibilitou às populações negras de diáspora a formação de uma cultura que não pode ser identificada exclusivamente como africana, ameríndia ou caribenha, mas todas elas ao mesmo tempo. Trata-se da cultura do Atlântico Negro, uma cultura que pelo seu caráter híbrido não se encontra restrita as fronteiras étnicas ou raciais”. (FELINTO, 2013, p.23)

Então, é compreensível que o contato desses povos deu origem ao sincretismo, ou seja, características das crenças católicas foram adotadas pelos africanos. Na verdade, houve a introdução a diversas entidades da fé dos negros com os santos católicos, a exemplo da figura de Iemanjá que foi assimilada pela maternidade, Jesus Cristo com Oxalá, uma vez que ambos possuíam posição de superioridade e tantos outros santos e entidades. É inegável afirmar que o sincretismo religioso proporcionou a sobrevivência dessas religiões, pois não deixavam de fazer suas preces aos seus seres superiores, mas tal fato ocorreu em razão dos africanos serem politeístas, então era comum nessa cultura a agregação de inúmeras divindades diferentes. Cappelli (2010, apud Cardoso 2015) enaltece que os africanos acreditavam que quanto mais seres pudessem intervir e ajudar nas suas causas melhor seria, então os santos católicos eram mais uma forma de auxílio em suas causas. Além disso, eles sabiam fazer a dissociação entre ambos e compreendia que eram fundamentais na sua causa. Cardoso (2015, p. 19) ainda expõe que “isso tira a visão submissa em que negros cultuavam os santos católicos por meio dos seus senhores”.

A relação sincrética que se estabeleceu nessa época, permitiu a existência de inúmeras religiões afro-brasileiras que surgiram anos depois como: Jurema,²⁴

²⁴ Jurema é uma religião indígena, mas que recebeu influência africana e do catolicismo. Encontra-se principalmente no Nordeste com mais adeptos em Pernambuco. O nome na qual recebeu provém de uma árvore com princípios de cura que é vista como sagrada pelos indígenas. Neste local preparam uma

Quimbanda,²⁵ Tambor-De-Mina²⁶. Essas religiões são essencialmente brasileiras, pois na África elas por si só não existiam, mas ocorreram por meio do sincretismo. Também é essencial destacar que as principais religiões afro-brasileiras alvos de intolerância são o Candomblé e a Umbanda. O Candomblé teve origem quando diferentes povos oriundos da África chegaram às terras brasileiras e por meio das relações estabelecidas com o sincretismo se agregaram e constituíram o que conhecemos como Candomblé.

Os primeiros terreiros Candomblecistas tiveram início no século XIX na Bahia, mais precisamente no ano de 1830 e com o passar dos anos foi aumentando a sua quantidade. Na verdade essa religião se caracteriza pelo culto a orixá, na qual de acordo com sua crença são as divindades que guiam e protegem as pessoas, sendo cada uma responsável por determinadas funções, como o Exu que é responsável pelos caminhos, à comunicação, Oxossí protetor dos caçadores e caça, Obá é a deusa guerreira. Mas para que isso aconteça é preciso todo um processo, ou seja, cada orixá possui seu próprio ritual, cânticos, danças, comidas e vestes próprias. Também é relevante destacar que nesta religião utiliza-se como oferenda o sacrifício de alguns animais como forma de agradar os deuses. São aos redores de um mastro litúrgico onde ocorrem as oferendas, festas, cânticos, uma vez que é por meio de um buraco que é aberto ali onde se depositam as comidas. (Felinto, 2013).

Uma característica que a difere da Umbanda é porque a consulta com os deuses não ocorre por meio da incorporação de entidades, mas sim mediante ao jogo de búzios, na qual consiste no jogo de conchas. Essa tarefa é realizada apenas pelo pai ou mãe de santo que pode fazer a correta interpretação da maneira que eles caíram (Felinto, 2013). Para uma pessoa dar início e almejar obter algum cargo no Candomblé é preciso que ela compareça a todas as reuniões, além de praticar os rituais necessários, alguns terreiros envolve raspar a cabeça, sangue de animais, entre outros, varia de terreiro a terreiro. O local onde são realizado as cerimônias sempre é revelado pelo Orixá, ou então se utiliza o jogo de búzios.

A Umbanda surge alguns anos depois do Candomblé, mais precisamente em 1908. Ela se caracteriza por agregar elementos de diversas religiões como o Candomblé,

bebida oriunda da árvore e usam o cigarro e por meio dessas práticas entram em contato com o mundo espiritual.

²⁵ Religião afro-brasileira caracterizada pelo culto a exu, principal divindade, é uma das que mais se aproximam da fé praticada pelos africanos. Nos seus rituais utiliza-se o sacrifício de animais, magia negra, há o contato com guias espirituais assim como na Umbanda.

²⁶ O Tambor de Mina é uma religião que ocorre principalmente no Estado do Maranhão e se caracteriza por haver à iniciação e transe em seus rituais, discricção na prática de suas atividades, é baixo o número de pessoas que recebem cargos elevados.

Catolicismo, o espiritismo Kardecista e também a pajelança indígena. Teve origem a partir da incorporação do “Caboclo da Sete Encruzilhada” em Zélio Fernandes de Moraes, que o incentiva a fundar uma religião na qual os espíritos negros possam se incorporar nas pessoas sem serem alvos de preconceitos, já que de acordo com os preceitos do espiritismo kardecista tais atividades só seriam feitas por espíritos de pessoas brancas que eram consideradas superiores. No ano de 1908 esse espírito se manifesta em Zélio, ele acaba criando a Tenda Espírita em nome de Nossa Senhora da Piedade, logo após isso foram fundadas mais sete. (CAPELLI, 2010, p. 347 apud CARDOSO, 2015).

Uma das características da Umbanda que a difere do candomblé é que o contato com os deuses se deram por meio da incorporação, não se trata da entidade encarnar fisicamente no médium, mas esse contato ocorre por meio da mente entre ambos. Essas entidades também podem se manifestar com pontos riscados que são desenhos mágicos, onde é possível identificar a entidade que está presente ali, eles são na verdade a manifestação do sagrado. Antes da incorporação do médium, é preciso haver a realização de banhos com ervas, defumação da casa, como uma forma de proteger e preparar a pessoa para o contato com a entidade e nessa religião não há o sacrifício de animais. Os cultos podem ocorrer em rios, templos, praias. O Exu é um Deus visto com ambivalência, visto que ao mesmo tempo em que é protetor dos caminhos, zelador do universo, na África, sua figura era relacionado à fertilidade, fatura, mas ao mesmo tempo é visto como diabo para aqueles que não fazem suas oferendas adequadamente.

Entretanto, assim como toda a história e cultura africana, os seguidores da Umbanda também acabaram sendo alvos de Intolerância e preconceito no decorrer dos anos. Publicada antes do surgimento do Candomblé e Umbanda, a constituição de 1824, por exemplo, determinava como religião oficial o catolicismo e as demais crenças eram permitidos apenas o culto doméstico, com isto as outras religiões que não a oficial se tornavam limitadas. Mesmo com o estabelecimento da Lei Áurea que colocava fim a escravidão e um ano depois disso quando ocorre a Proclamação da República em 1889 não alteram as suas vidas, dado que apesar de serem livres são deixados a mercê da sociedade, pois a liberdade nesse caso não foi sinônima de igualdades e oportunidades. Eles foram apenas libertos dos seus senhores, mas continuaram dependentes deles, muitos vendiam sua força de trabalho em troca de comida, algum dinheiro, criou-se no imaginário das pessoas que negro é semelhança de escravidão. Com a proclamação da República em 1889 há separação entre estado e igreja, sendo assim o catolicismo deixa

de ser a religião oficial e torna-se permitido a laicidade religiosa. Todavia assim como a assinatura da Lei Áurea isso também não garantiu igualdade, eles ainda eram renegados, continuaram não tendo participação política.

Na década de 1920 as perseguições aos terreiros de Candomblé ocorriam por meio da mídia da época, na Bahia, por exemplo, havia o jornal “A Tarde” que teve sua fundação em 1912, publicava constantemente periódicos na qual ocorria a difamação aos pais e mães de santo, afirmava a necessidade da destruição dos terreiros, acusações de macumba. Além disso, foi fundamental na construção equivocada e formação de opinião que se tem dessas crenças. Felinto (2013) explica a respeito de alguns exemplos de preconceito e intolerância sofridos pelos negros:

“Lutaram contra as perseguições de um Brasil republicano, que legitimava suas atitudes de represália no artigo 157 do código penal de 1890, que apresentava as crenças de origem africana como ilegítimas, pois era proibido: praticar espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis e\ou incuráveis, enfim para fascinar e subjugar a credulidade pública. (Maggie, 2005: 36). E mais tarde na década de “1930”, resistindo as políticas segregacionistas que visavam a construção da identidade nacional, as quais aboliram os elementos da cultura africana, valorizando apenas os costumes da elite cultural branca, que atuava juntamente com políticas preconceituosas e racistas de branqueamento da população. (FELINTO, 2013, p. 26)

Além disso, na Bahia até 1976, por exemplo, os terreiros eram obrigados a se registrarem na delegacia de polícia. Na Paraíba em 1996, os chefes de terreiros eram obrigados a passarem por testes de sanidade mentais. (Felinto, 2013). O movimento negro sempre buscou a igualdade e amenizar os casos de intolerância contra essas pessoas. Neste aspecto, as suas lutas foram de grande importância para o surgimento de alguns direitos, por exemplo, em 1951 foi proibido qualquer tipo de discriminação no país, a “Lei Caó” de 1989 que determinava como crime o racismo, mediante suas revoltas também foi possível que em 1988 na constituição ficasse garantido á liberdade de crença.

Entretanto, essas conquistas não apagam os estereótipos e intolerância sofrida pelos negros na época colonial, república e em outros momentos, na verdade apenas alteraram-se os personagens que praticam tais atos. Atualmente, um dos principais

perseguidores das religiões afro-brasileiras são os adeptos do neopentecostalismo²⁷, eles acreditam que apenas a sua crença é a mais adequada e a fé das religiões de origem africana são vistas como demoníacas.

Por isso, é bastante comum a destruição de seus terreiros, violência com aqueles que professam suas ideias, perseguição. Um dos objetivos das igrejas neopentecostais de acordo com Prandi (2011) é acabar com as religiões afro-brasileiras, destruir seus terreiros e templos, converter seus líderes, muitos deles estabelecem até mesmo metas referentes à quantidade de terreiros que devem ser fechados.

A principal maneira utilizada pelos adeptos dos neopentecostalismo com o intuito de conseguir mais adeptos são os meios de comunicação como TV, rádio, jornais na qual muitas vezes deturpam a imagem das religiões afro-brasileiras. Um caso famoso de intolerância que ganhou repercussão na mídia ocorreu em 2005, foi o do Bispo Edir Macedo e da Gráfica do Reino Universal com a publicação do livro “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios” que deixa explícita a discriminação contra as religiões de matrizes africanas. Ele afirma que muitas pessoas no Brasil são enganadas nas religiões afro-brasileiras, já que os demônios são cultuados como deuses. Argumenta que se você tiver fé e crê em Deus irá deixar de acreditar nesses orixás, deuses e caboclos, pois Deus o perdoará e se deve participar da reunião das igrejas deles para serem libertos. Utiliza-se de termos como “anjos decaídos”, “demônios” e outros termos pejorativos para descrevê-los (Macedo, 2004). Em decorrência disso, ocorre uma ação judicial com o objetivo de proibir a venda desses livros, pois se configura como intolerância em razão de haver um desrespeito com as religiões africanas. De início é deferido pelo juiz e torna-se proibido a venda desse livro. No entanto, no ano seguinte os advogados de Edir Macedo recorrem da decisão alegando que a proibição da venda faz com que o direito a liberdade de expressão seja violado, dessa forma torna-se legalizado novamente a publicação do livro.

Outro caso de repercussão midiática ocorreu em 2015, foi o da garota de 11 anos Kailane Campos que voltava do culto com sua avó e por estarem caracterizadas com vestes que representam sua crença foram alvos de intolerância, pois a menina recebeu uma pedrada na cabeça por um grupo de evangélicos que além de jogarem pedras, insultaram a garota e a avó por serem adeptas da fé afro-brasileira. Kailane afirmou que “Achei que ia morrer. Eu

²⁷ O neopentecostalismo é uma religião que adotou muitas das crenças dos pentecostais e do movimento carismático. Eles acreditam que os corpos podem ser possuídos por espíritos maus, batalha espiritual, cura e realização de profecias.

sei que vai ser difícil. Toda vez que eu fecho o olho eu vejo tudo de novo. Isso vai ser difícil de tirar da memória”, apesar de registrarem o caso na delegacia os responsáveis não foram identificados.

É possível verificar que apesar de terem visão midiática, na qual há uma maior propagação da informação, em ambos os casos há ausência de punição para aqueles que praticam esses atos. De acordo com dados do disque 100, em todo o ano de 2011 foram registrados 15 casos de intolerância religiosa no Brasil, já em 2017 esse número se eleva para 169, um aumento bastante considerável, levando em consideração que os principais alvos dessa intolerância são as religiões de matriz africana, além de que muitas outras ocorrências não chegam ao menos a serem contabilizadas, pois muitas das pessoas que sofrem esses atos acabam não denunciando por medo. A intolerância sofrida pode acarretar inúmeras consequências, entre elas o trauma psicológico, como o da menina Kailane, na qual ficou uma marca do medo, insegurança, temor de sair à rua e ser agredida novamente, em outros casos mais graves algumas vítimas chega a não suportar a pressão e cometem suicídio, deixam de seguir sua crença. A ausência de impunidade para aqueles que cometem a intolerância contribuem para que casos como esses continuem a ocorrer. As religiões afro-brasileiras são estereotipadas porque são crenças oriundas da cultura negra, originárias em locais mais pobres, subúrbios, foram perseguidas no passado e por isso esses resquícios ainda se encontram no presente.

O ENSINO DE HISTÓRIA E A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

O ensino de história é importante para a compreensão dos fatos históricos, a vida da sociedade, as relações sociais e as permanências e alterações que ocorreram ao longo dos anos. Atualmente ela deve levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, o multiculturalismo e as diversas identidades existentes. No entanto, nem sempre foi assim, a princípio ela surgiu no século XIX, com a criação do colégio D. Pedro II na qual atendia apenas a elite, os seus estudos estavam voltados principalmente para a história dos grandes heróis, contava com a participação do IHGB para a legitimação de seus discursos e uma educação bancária, onde o professor cabe apenas o papel de ensinar e os alunos receberem tal conhecimento. Só a partir da década de 1960 e 1970 que tem início os estudos sociais, a história se separa da geografia e em 1998 é publicado a PCN na qual estabelece um currículo para ser ensinada nas escolas já não é mais voltada apenas à elite, mas toda a população. Nesses novos estudos inclui-se a história dos negros, índios e leva em consideração os

conhecimentos prévios dos alunos e os discentes como agentes participativos no processo de aprendizagem. De acordo com a PCN um dos objetivos da disciplina de história consiste em:

“Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e descontinuidades, conflitos e contradições sociais”. (PCN, 1998, p.43)

A LDB (2010, p. 24) determina que o ensino de história deverá “levar em consideração as contribuições de diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes, indígena, africana e europeia”. E apesar de todos esses avanços e leis, ocorre que a cultura, a religião e história africana são vistas com intolerância e de maneira inadequada, sendo que isto se trata de uma construção, já que ninguém nasce sabendo amar ou odiar determinados valores e crenças, mas o meio em que se vive interfere diretamente nessas escolhas, em razão de contribuir para a formação do cidadão. Alguns conceitos são de relativa importância para a compreensão dessa inferioridade, por exemplo, o multiculturalismo, a identidade, diferença, representação e poder que estão interligados. A identidade se constitui por meio da negação, pois na medida em que nos afirmamos quem somos, automaticamente há a negação com o outro, já que esse se diferente do Eu, e por isso não existem identidades verdadeiras ou falsas, em razão de não se tratar de algo natural, mas sim é proveniente do discurso, linguagem na qual se atribui significados. Dessa forma há uma relação entre identidade e poder, pois quem detém este último também acaba representando e classificando, contribuindo assim para a existência de uma hierarquia entre as identidades. Essa classificação que ocorre entre as identidades é onde existe o problema do multiculturalismo, já que ao supor determinado povo como superior o outro sem mesmo conhece-lo devidamente é desvalorizado. Neste aspecto, Marisa Vorraber Costa (2000) afirma que:

“Os relatos sobre o outro, nos mais variados campos da cultura, têm fabricado identidades nem sempre tacitamente escolhidas por seus protagonistas. Mesmo assim as identidades contestadas circulam e produzem seus efeitos na política cultural. Além disso, o poder, na política de representação, transita pluridirecionalmente, produzindo configurações inusitadas das múltiplas possibilidades da correlação de forças.”(VORRABER, 2000, p.47.)

Dessa forma, é possível verificar que assim como ocorreu no orientalismo, por exemplo, o ocidente mediante ao discurso e a linguagem se utilizou desses meios e da repetição deles ao longo dos anos para mostrar uma ideia de oriente de maneira inferior e deturpada, sendo que essas identidades de fato não representam o oriente e nem se tratou de

algo escolhido por eles. De modo semelhante ocorreu com a história e cultura africana, eles não optaram por serem inferiorizados em razão de sua cultura, mas mesmo assim foram retratados como submissos. Oliveira (2012) utiliza-se de Bhabha e Fanon para explicar a respeito da identidade e um dos conceitos discutidos se trata da “Identidade Híbrida” na qual o outro (negro), existe e deve ser representado de forma negativa para uma construção de uma identidade na qual o branco colonizador seja superior, e possa se sobrepor na história como civilizado.

Por meio da repetição desse discurso os africanos são sempre vistos de maneira submissa. Com essas identidades híbridas é possível compreender o poder que a linguagem exerce na sociedade e há uma “máscara” no que se refere à construção de uma Identidade Nacional, haja vista que o negro é representado na história, no entanto, isso não é suficiente, em razão dele ser usado para camuflar o ideal de superioridade da identidade branca. Não se trata apenas de expor o multiculturalismo, aprender a “tolerar” o outro, pois ele possui uma cultura própria que precisa ser preservada, mas sim se trata de problematiza-lo entender sobretudo que a identidade, diferença, o poder e o discurso construíram a história africana mediante a repetição. Candau e Moreira (2008) explicam que somos a geração adulta que durante a infância teve contato com os quadros de Debret, os africanos escravizados, o navio negreiro que ajudam a formar a nossa imagem a respeito da história africana e quando se retoma essas imagens a primeira coisa que vem à cabeça são apenas lembranças, flashes isoladas na qual os africanos são sinônimos de escravidão. Essa mesma ferramenta que é o discurso e a disciplina de história pode ser utilizada para desconstruir essas ideias, visto que se trata de um produto da linguagem e está em constante mutação e se reescreve mediante as relações de poderes e interesses da sociedade, deve ser empregado para desconstruir essas ideias legitimadas como “verdadeiras” e formação de um novo olhar sobre a cultura africana.

É neste patamar que a disciplina de história contribui significativamente no entendimento dessas identidades, já que a mesma tem o papel de problematizar e entender os fatos não de maneira imutável, pois seu objeto de estudo é o homem e ele está em transformação, questionar essas identidades e tudo que envolve a sociedade é o seu papel. Um currículo voltado para a diversidade de conteúdos é de grande importância para a garantia da igualdade, assim como a criação de leis como a 10.639 na qual torna obrigatório o ensino da história e cultura africana. É inegável afirmar que isto se trata de um grande avanço e é um dos primeiros passos a um novo ensino da história, todavia, apenas isso não é o suficiente, como se pode constatar atualmente nos conteúdos relacionados aos povos negros, nas quais não é bem visto, os professores não são bem preparados, pois têm

dificuldades em ministrar esses conteúdos, já que aprenderam na infância as visões na qual os africanos são seres submissos, gerando assim a limitação no que se refere a transposição de conteúdos e tendo como consequência a ausência de estímulos também aos próprios estudantes para irem mais a fundo na história africana. Neste aspecto, é viável elencar a relevância questionar e entender esse multiculturalismo e identidades não apenas com os alunos mas haver um estímulo na formação dos educadores, posto que eles são os responsáveis pela transposição dos conteúdos, ministram as aulas, pois tolerância não é sinônimo de compreensão.

Romper com este paradigma é de grande valia, porque não representar isso a agrava ainda mais o problema, já que faz com que torne mais propício a existência de visões equivocadas. A disciplina de história é útil e Ana Lagoa (1991, Apud Schmidt, 2004, p. 59). “Estuda-se história para pensar o outro. Para entender a dialética da mudança e da permanência. Ver que a vida não é retilínea. E que o futuro pode ser diferente do presente. Mais do que entender o passado, estudar a história é trabalhar a diferença, a tolerância”. Então, é compreensível verificar que a história está em constante transformação, dessa forma assim como a escola essa disciplina possui o papel não apenas de formar cidadãos aptos ao mercado de trabalho, mas sim para que eles possam melhor compreender o meio em que vivem, construir seu próprios pensamentos críticos e não se deixar ser alienado pelos discursos construídos pela sociedade, a história proporciona o entendimento da identidade e revisão de conceitos estabelecidos.

Uma releitura mediante ao ensino de história além de fomentar um novo olhar da história no que se refere ao negro contribui para o questionamento do próprio padrão do branco como superior, ou seja, a falsa ideia de que há uma hierarquia de identidades, quando na verdade se tratam de representações. Na medida em que há uma transposição didática adequada por parte do professor e identificação por parte dos alunos, é mais propício que essas ideologias construídas ao longo dos anos vão se dando lugar a um novo saber.

Neste aspecto, ao haver a conhecimento das identidades multiculturais, conceitos como o de religião que também se trata também de algo cultural serão reconstruídos. É frequente ao haver a discussão sobre as crenças africanas como sinônimo de macumba, sendo que isso se tratava de um instrumento musical utilizado pelos africanos e quem o tocava era chamado de macumbeiro, com a ideia construída ao longo dos anos de inferioridade da cultura africana isso foi associado como algo demoníaco. A partir do momento em que se altera a maneira de pensar, casos de intolerância religiosa como o de Kailane e tantos outros se tornam mais oportunos a ocorrerem em menores quantidades, em

razão de uma das principais causas da intolerância é o desconhecimento do outro, a formação de ideias e representações inadequadas.

Na história verifica-se que assim como as demais disciplinas está entrelaçada ao poder, por isso as crenças afro-brasileiras são inferiorizadas. Foucault, (1987) em sua obra “Vigiar e Punir” explica que somos corpos dóceis, fáceis de ser manipulados pelo poder, então é evidente que essas identidades, representações e a própria intolerância ocorre em detrimento desse poder, do desejo de ser superior que o outro e dominá-lo. Leis como a 10.639, investimento em bibliografia e professores capacitados a tratarem do assunto, assim como a desconstrução dessas identidades, um ensino de história que preze pelo multiculturalismo são os primeiros passos no que se refere à formação de um novo olhar referente à história e cultura africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste artigo percebe-se que tratar a respeito das religiões de matrizes africanas é imprescindível para a compreensão de nossa própria história. Além de desconstruir rótulos e estereótipos. É possível verificar uma dificuldade em se discutir essas questões relacionadas ao multiculturalismo em detrimento de algumas identidades serem consideradas mais importantes que outras, este é o caso da cultura africana que em razão dessa rotulagem acaba sendo algo de intolerância religiosa.

Lidar com o “outro” não é tarefa fácil, ainda mais quando não o conhece, podemos ver que a educação é a principal ferramenta no que se refere à modificação desses padrões, pois ela forma pessoas críticas. Neste caso, a valorização e um conhecimento mais profundo da disciplina história é uma ferramenta na qual proporciona novas possibilidades a formação de uma sociedade mais justa e igualitária na qual exista um respeito mútuo e uma liberdade no que se refere a propagação de suas crenças sem serem alvos de perseguição, o próprio conceito de identidade e cultura nos permitem uma melhor compreensão história e analisar a história dos “vencedores e encidos”.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** – 2 ed. – São Paulo; Cortez, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. – 5. ed –Brasília

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2001.

CARDOSO, Tainá Machado. **Religiosidade e discriminação a partir da análise dos Terreiros de Umbanda e Candomblé no Município de Rio das Ostras (RJ)**, 2015. Disponível em: <
<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/5109/1/TCC%20%20Tain%C3%A1%20Machado%20Cardoso.pdf>>. Data de Acesso: 04 de Setembro de 2018.

COSTA, Marisa Vorraber. **Currículo e política cultural**. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.37-68.

FELINTO, Renata (org). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: Saberes para os professores, fazeres para os alunos**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora Ltda, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GLOBO, G1. **Menina vítima de Intolerância Religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada**, 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html>> . Data de acesso: 02 de Setembro de 2018.

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?** Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2004.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MOREIRA, Antônio Flávio. CANDAU, Vera Maria (orgs). **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed.– Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Anderson Ribeiro. **Entre Máscaras e Espelhos: Reflexões sobre a identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras**, 2012. Disponível em: <
<file:///C:/Users/Note/Documents/4-10-1-PB.pdf>>.Data de Acesso: 04 de Setembro de 2018.

PRANDI, Reginaldo. **Sincretismo Afro-Brasileiro, Politeísmo e Questões afins**, 2011. Disponível em: < <file:///C:/Users/Note/Downloads/25784-98301-1-PB.pdf>>. Data de Acesso: 04 de Setembro de 2018.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

RESK, Felipe; TOMAZELA, José Maria; COTRIM Jonathas. **Brasil registra uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas**, 2017. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas,70002081286>>. Data de acesso: 02 de setembro de 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.